

2 TERCEIRA IDADE: UMA REALIDADE HISTÓRICA CONSTRUÍDA

Nosso estudo procura analisar o relativo impacto recente causado pela presença gradativamente maciça de pessoas acima de 60 anos, e as conseqüentes implicações nos mais diversos setores, como familiar e social.

A raça humana, de forma implacável, vem envelhecendo, isto é, a média de idade tem se estendido. Esse é um fenômeno sobre o qual não há como ficar indiferente porque é uma tendência mundial e está ocorrendo de forma acelerada, provocando euforia, mas também preocupações e, sobretudo muitas pesquisas. De maneira similar, as questões ambientais ou a crise ante a exaustão dos recursos naturais vem sendo enfocada como uma crise civilizatória.

Se, por um lado se festejam os avanços da medicina, a maior conscientização da sociedade em relação à prevenção de doenças, a redução do índice de fatalidade de epidemias e a queda da mortalidade infantil, por outro, esse extraordinário avanço implica desafios até então imprevisíveis. Da mesma forma, o século XX proporcionou uma ampliação dos bens de consumo que, em parte, fundamenta os acréscimos à longevidade, bem como se origina de um maior e mais aprofundado conhecimento do meio ambiente, através da pesquisa científica, em cujo viés se consolidam também as mediações para a submissão da natureza aos interesses e imperativos da sociedade.

2.1 Uma sociedade que vive mais

Nas sociedades primitivas, onde a ideologia predominante centrava-se na sobrevivência, as pessoas em idade avançada não eram bem vistas porque só eram aceitas social e psicologicamente enquanto capazes de desempenhar algum tipo de tarefa. Quando as famílias não conseguiam mais sustentá-las, eram abandonadas e expulsas, lançadas à sua sorte ou submetidas à morte ritual. Por isso, na Bíblia, existem tantos elogios aos pais, anciões, colocados como sinônimos de abnegados e abençoados por Deus.

Nos tempos antigos e sociedades feudais, os velhos recebiam um tratamento diferenciado. Naquele período, quando a propriedade privada foi instituída, muitos idosos eram detentores de bens e posses e de "status" e poder também. Na Antiga China, originou-se o modelo de idoso associado ao saber e experiência. Sua autoridade era suportada na família e sociedade. Na sociedade ocidental patriarcal, inspirada na religião judaica, os velhos eram vistos como juizes, protetores, sacerdotes-anciões, detentores de poder e autoridade. A cultura ocidental clássica herdou o modelo de idosos oriundos das culturas grega e romana, relacionadas com a honra e sabedoria. Contudo, o teatro, prática comum na época, retratava, freqüentemente, o velho como decrépito, corrupto, avaro e lúbrico.

A sociedade moderna industrializada impôs uma nova postura de sobrevivência, na qual cada indivíduo passava a depender de seu próprio esforço e capacidade de produção. Há a transferência de poder para as mãos dos jovens, mais habilitados à administração da produção e da economia. Assim, são passados, também, o "status" e o poder administrativo. Se a pessoa velha pertencesse a uma

família bem constituída e economicamente estável, ela encontrava amparo. Ao contrário, se fizesse parte de uma classe pobre, passava a depender de instituições de caridade ou de asilos, situação que perdura até os nossos dias, em razão da precariedade das aposentadorias. Na época, na tentativa de sobrevivência, muitos idosos recorriam a ofícios de menos importância e eram vistos como figuras folclóricas: o amolador de facas, o comerciante de roupas velhas, o velho do realejo, o fotógrafo lambe-lambe, o vendedor de bilhetes de loterias, o consertador de guarda-chuva, etc.

Atenta aos rumos que o prolongamento da vida vêm tomando, já em 1982, a Organização das Nações Unidas promoveu a 1ª Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento. Após alguns anos, com o objetivo de alertar para os reflexos de tal evolução, o mesmo órgão declara o ano de 1999 dedicado às pessoas idosas e elegendo como tema *O Ano das Pessoas Idosas: uma sociedade para todas as idades*. (BAKKER FILHO, 2000, p. 34).

Talvez a espécie humana tenha atingido o que buscou desde os primórdios de sua existência: prolongar a vida e entender a velhice. Ilustram essa conquista os dados transmitidos pelos meios de comunicação quando ocorreu a 2ª Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento, de 8 a 12 de abril de 2002, em Madri, Espanha. Segundo as projeções da ONU, que patrocinou o encontro, até o ano de 2050, o número de pessoas com mais de 60 anos deverá triplicar, o que equivalerá, então, a 25% dos habitantes do planeta. (A TERCEIRA idade do mundo, 09 abr. 2002)

Os dados atuais dão-nos conta dessa crescente longevidade. O Japão tem uma média de vida de 81,5 anos; a média da Suécia encontra-se em torno de 80,1 anos; e a França apresenta uma idade média de 79 anos. No Brasil, o Rio Grande do Sul é o primeiro nesse campo, com um índice de 71,6 anos, seguido de Santa

Catarina, com 71,3 anos, o que os aproxima dos indicativos da Argentina e Venezuela. (ESTAMOS vivendo mais, 05 dez. 2001)

No nosso país, o IBGE, através de suas pesquisas, aponta-nos para uma grande evolução: em apenas uma década, os brasileiros registraram uma elevação de 2,6 anos em sua expectativa de vida. A média, que era de 66 anos em 1991, aumentou para 68,6 anos em 2000. Essa mesma fonte também assinala que o ganho não foi uniforme. Enquanto as mulheres nascidas em 2000 terão uma existência potencial de 72,6 anos, os homens, de 64,8 anos. Tal disparidade advém do que eufemisticamente se denomina de fatores externos: os indivíduos do sexo masculino, tanto aqui como em outros países, morrem mais cedo porque mais expostos a homicídios, acidentes de trânsito, acidentes de trabalho, afogamentos, suicídios e outras formas de violência de que ainda se resguardam em maior medida os indivíduos do sexo feminino. (ESTAMOS vivendo mais, 05 dez. 2001)

Podemos afirmar, baseados em dados do IBGE, com base no senso de 2000, que a população de idosos vem crescendo significativamente mesmo não sendo de forma homogênea. As pessoas com 60 anos ou mais representavam 7,3% em 1991, e, hoje constituem 8,6%, indicando um aumento de 17% na década. Há 14,5 milhões de brasileiros na terceira idade. (POPULAÇÃO idosa ..., 26 jul. 2002).

Diferentemente da média do País, o Rio Grande do Sul apresenta uma surpresa: o percentual é de 10,2%. (POBREZA e violência entre idosos e joven, 05 abr. 2001). A cidade de Colinas, Vale do Taquari, é a que denota o maior índice de idosos do Brasil: 21,45% de pessoas com mais de 60 anos. (CUSTÓDIO, 22 mar. 2002)

Contudo, o percentual brasileiro ainda se encontra distante dos índices dos países do 1º Mundo. O relatório Envelhecimento da População Mundial (habitantes

com mais de 60 anos), divulgado em abril de 2002 (O RANKING da idade. 17 abr. 2002), pela Organização das Nações Unidas, aponta a Itália com 25%, Japão, Alemanha e Grécia com 24% e Suécia com 23%. Em contrapartida, Burundi, Quênia, Somália, Uganda, Tanzânia, Angola, Senegal e Iêmen apresentam-se com 4%, sendo que Níger possui o menor índice, de apenas 3%.

Supondo que se mantenham as mesmas condições de vida, ou, se ainda melhorarem, o futuro desse grupo populacional, no Brasil, é bastante otimista. Conforme projeções, no ano de 2050, tal contingente passará a ser de 16%, formando uma classe de “novos milionários”, isto é, pessoas que viverão 01 milhão de horas, ou 114 anos, ampliando-se ainda mais o grupo dos centenários que, no nosso país, em 2000, já era em torno de 24,5 mil. (A VELHICE ..., 03 jun. 2002).

Para a América Latina, as previsões seguem a mesma tendência. De acordo com a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), 22,6% dos latinos terão mais de 60 anos em 2050, sendo que assombrosa maioria dos cidadãos da terceira idade estará fadada a viver em situação de “vulnerabilidade econômica.” (POBRES velhos, 12 abr. 2002).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) prevê já para 2025 uma população de 32 milhões de pessoas acima de 60 anos, destacando o Brasil na posição de 6º país do mundo em número de idosos. (BRASIL avança ..., 25 jul. 2001).

De acordo com o geriatra Sayeg, estamos a caminho do “*old boom*” em contraponto com o anterior “*baby boom*”. Na verdade, o que vem ocorrendo é o agrisalamento dessa geração que ficou conhecida como “*baby boom*”, isto é, fruto de uma explosão demográfica que se seguiu logo após a 2ª Grande Guerra. (apud NOVAES, 1997, p. 37). Segundo Novaes (1997, p. 37), “O contingente da terceira idade representa o marco de significação e referência da maior importância por ser

representante vivo de tradições, cultos e valores que serão perpetuados com novas roupagens e cenários”.

Sabemos, contudo, que, se a esperança de vida propicia aspectos positivos, ela vem acompanhada de provocações que os governos e as comunidades não podem desconhecer. É o momento de questionarmos: será que os recursos naturais de que dispomos e a estrutura construída serão capazes de absorver tamanha explosão populacional? Que implicações esse fenômeno ocasionará ao meio ambiente?

Em 2001, nosso país ocupava o 85º lugar no mundo em longevidade, enquanto, em quantidade de vida ativa e saudável, caímos para o 102º. Os índices foram revelados por Gustavo Pereira de Sá, coordenador do 1º Congresso de Medicina Ortomolecular do Cone Sul, realizado de 10 a 12 de Maio de 2001, em Porto Alegre, quando o médico alertava que somente a medicina preventiva poderia mudar esse indicador. (SÁ, 02 maio 2001)

Outro dado publicado na mesma época pelo IBGE, já era capaz de demonstrar o quão difícil se torna reverter tal processo: no Brasil, 12%, e, no Rio Grande do Sul, 7,3% dessas pessoas acima de 60 anos sobrevivem com uma renda de até meio salário mínimo. (POBREZA e violência ..., 05 abr. 2001)

A fim de reforçar essa reflexão, basta analisar os índices publicados pela ONU, destacando que o nosso país, enquanto 10ª economia mundial, ocupa somente a 65ª posição em Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Temos, ainda, uma proporção de 9,9% da população que vive com menos de US\$ 01 por dia. (ALVES FILHO, 16 jul. 2003)

Outro fator importante, também revelado com o censo de 2000 do IBGE, refere-se ao papel fundamental que os idosos desempenham na manutenção da família.

Na última década, os idosos chefes de família passaram de 60,4% para 62,4%, constituindo-se em 8,9 milhões. Desse universo, 54,5% sustentam, predominantemente com suas aposentadorias, os domicílios onde moram ou nos quais vivem, não raro, jovens em idade de bater às portas do mercado formal do trabalho. Esses idosos, tendo em média 69,4 anos e um rendimento de R\$ 657,00, são responsáveis pelo principal ingresso de renda em seus lares, assumindo um papel protagônico na sociedade. (SABÓIA, 26 jul. 2002; A SOCIEDADE..., 05 mar. 2003).

Estudos feitos pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) asseguram que os jovens, ao não conseguirem arrumar emprego num mercado cada vez mais competitivo, correm para a casa dos pais ou avós. Por isso, os idosos arcam com boa parte do orçamento e, às vezes, com sua totalidade. Em muitas cidades do Nordeste, a quantia de dinheiro dos velhinhos do INSS é maior do que apenas a fonte de recursos de sua família. Ela é o motor que impulsiona a economia local. (GRECCO, 03 abr. 2002)

Aspecto de relevância é o que diz respeito à velhice, outrora associada automaticamente aos países desenvolvidos. Agora, ela é pauta obrigatória nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil e de outros países da América Latina. Segundo o Ministério da Saúde (2001), desde os anos 60, a maioria dos idosos em números absolutos vive em países do 3º mundo e as projeções estatísticas demonstram que essa é a faixa etária que mais crescerá na maioria dos países menos desenvolvidos.

Todos sabemos que limitar a natalidade tornou-se imperativo para a sobrevivência dos países mais pobres. A taxa de natalidade realmente tem baixado, mesmo com métodos até duvidosos sob o ponto de vista ético. Este fator reflete de

forma imediata na longevidade, provocando maior velocidade ao ritmo de envelhecimento nos países subdesenvolvidos ou emergentes. Como consequência, esses povos terão um tempo muito curto para se adaptarem à longevidade endêmica, o que, no momento, traduz-se em mais um problema a ser enfrentado.

Identicamente, tornou-se natural dissociar aposentadoria de velhice. Hoje, as pessoas aposentam-se na faixa de 60 anos, enquanto sua expectativa de vida é bem maior. Isso se traduz num outro risco para nossa sociedade. Debert (1999, p. 22) assim opina:

O prolongamento da vida humana é, sem dúvida, um ganho coletivo, mas também tem se revelado um perigo, um risco, uma ameaça à reprodução da vida social. Os custos da aposentadoria e da cobertura médico-assistencial da velhice são apresentados como indicadores da inviabilidade de um sistema que, no futuro próximo, não poderá arcar com os gastos de atendimento, mesmo quando a qualidade dos serviços é precária, como no caso brasileiro.

Mas, afinal, por que o mundo está envelhecendo? Que motivos conduziram a tal fenômeno, que, para muitos, é a mais fantástica conquista do século XX?

Inicialmente, considera-se entre as causas principais desencadeadoras da longevidade ressaltam-se o avanço da medicina, com o combate as epidemias, o aumento da produtividade, com o conseqüente aumento do consumo de bens que melhoraram a qualidade de vida, entre outros.

Já Homero Dewes, professor de Biociências da UFRGS, frisa que, no ano de 1900, a expectativa de vida nos países desenvolvidos era ,em média, 49 anos. No ano 2000, passou a ser de 76 anos. Ou seja, a nossa expectativa de vida, em um século, aumentou em 27 anos. Em seus comentários, ele ressalta que esse aumento é atribuído à eliminação de doenças infecciosas que ocorrem na juventude, através da higiene, das vacinas e dos antibióticos. Isso ocorreu notadamente entre os anos

de 1900 e 1970. Nos últimos 30 anos, nossa expectativa de vida aumentou em apenas 6 anos. Para ele, hoje, as principais causas de morte dos velhos são as doenças cardiovasculares, os acidentes neurovasculares e o câncer. Se essas três condições pudessem ser resolvidas, a vida seria prolongada por mais 15 anos. (DEWES, 25 jun. 2003).

Ana Lúcia Sabóia, coordenadora de uma pesquisa do IBGE assinala: "A redução da taxa de fecundidade é o que comanda o envelhecimento da população". Suas análises evidenciam que, há 60 anos, os brasileiros tinham, em média 6,2 filhos e a esperança de vida ao nascer era de 40,7 anos. A grande mudança emergiu nos anos 70 com o advento da pílula anticoncepcional. Em 1970, nasciam 5,8 filhos por mulher, passando para 4,4 dez anos depois, em 1980. Em 20 anos, a taxa de natalidade caiu pela metade. Atualmente, nossa média gira em torno de 2,3 filhos por mulher. (BRASIL avança para ser 6º em idosos, 26 jul. 2002)

O século XX, que não pode ser caracterizado somente pelo extraordinário *desenvolvimento experimentado por todos os campos da ciência e da tecnologia*, está associado, também, a um desenfreado culto à juventude, a uma glorificação física da mocidade, relacionado ao sexo, prazer e beleza. Por ironia, a centúria que opôs à velhice, vista sempre de forma depreciativa e preconceituosa, viu-se obrigada a testemunhar o prolongamento do tempo útil de vida.

São grandes as implicações que acompanham essa verdadeira explosão de pessoas que sobrevivem. Sem dúvida, a sociedade precisa estruturar-se porque são inúmeras as dificuldades que surgiram desde então. A Medicina, a Odontologia, a Psicologia e todos os profissionais que se envolvem com a saúde, precisam dar conta das novas especializações que os idosos exigem para manterem-se saudáveis. São necessárias políticas públicas imediatas de habitação, direitos

humanos, previdenciárias, entre outras medidas. Enfim, é o meio ambiente que se encontra frente a um novo impacto, em que o homem é tido como seu componente, e o crescimento da população desenvolveu-se numa ordem fora da tradicional. Não restam dúvidas de que toda a nossa sociedade precisa reorganizar-se para absorver as demandas.

Em 1975, na Conferência Internacional sobre Educação Ambiental, em Tibilísi, Geórgia, o meio ambiente foi definido não só como o meio físico e biológico, mas também como o meio sociocultural em sua relação com os modelos de desenvolvimento adotados pelo homem.(SOUZA, 1992, p. 84).

Paralelo a outros problemas ambientais, como poluição, efeito estufa, dizimação de espécies, etc., tal contingente populacional de significativo aumento está interferindo nas relações biológicas e sociais, abrangendo também um conteúdo fortemente psicológico.

Ao fazer alusão à relevância cultural e social da velhice no Brasil, Castro (1998, p.38) sublinha que “O envelhecimento da população brasileira reflete-se nas estruturas da sociedade. Há implicações, principalmente nas áreas de trabalho, educação, saúde e lazer. A projeção para o futuro demanda busca de perspectivas para o idoso do século XXI”.

Muitos são os desafios e desassossegos provocados por essa população cronologicamente bem dotada. Freitas, analisando a perspectiva histórico-cultural do idoso no Brasil do século XXI, inspirada num estudo de Arthur Imhof, historiador berlinense, destaca as principais conseqüências desse acontecimento:

a) Relativamente à sociedade: a descaracterização da pirâmide populacional, outrora com uma base numerosa de crianças, deriva problemas quanto ao

financiamento das aposentadorias e pensões; o surgimento de uma nova categoria reivindicatória e de pressão; ainda longe do Brasil, mas sentido em outras comunidades, a da diminuição do número de alunos nos cursos elementares. Também presente em nossa realidade multiplicam-se as universidades da terceira idade. A autora registra, ainda, que a sobrevivência feminina, sendo maior que a masculina, faz erigir o problema da solidão e carência afetiva e sexual por parte das mulheres.

b) Relativamente à vida familiar: a convivência maior entre as gerações porque os filhos tornam-se órfãos bem mais tarde que seus pais e avós; famílias de poucos filhos, ou filhos únicos, com dificuldade em saber partilhar afeto e bens materiais; a coincidência da idade adulta dos filhos com a dos pais em pleno vigor, favorecendo o conflito de gerações; a “vida prolongada” estendendo, da mesma forma, a duração dos casamentos_ hoje é comum a comemoração de “bodas de ouro”; os conceitos e as idéias que orientam a boa convivência entre os cônjuges foram reformuladas; a valorização da estética física e da atividade sexual, mesmo em idade avançada. (FREITAS, 1994, p. 107-108).

Como vimos, o aumento da expectativa de vida não é fruto do acaso ou da condição genética. Ela é decorrente de mudanças no contexto ambiental, nos recursos culturais e estratégias de educação. Todas as mudanças estão a exigir de nossa geração esforços muito grandiosos para que nos adaptemos aos novos tempos, notadamente das mulheres, de quem está sendo cobrada uma postura quase heróica porque são responsáveis, grande número de vezes, por rupturas no casamento, haja visto seu papel independente na relação, bem como devido à diferenciada mortalidade por sexo, aspectos que as faz experimentar uma prolongada viuvez com todas as suas implicações.

Para Rosa (1987, p. 130-131) apesar das limitações impostas pela velhice, os seres humanos fazem de tudo para tornar sua existência sobre a terra a mais longa possível. Através dos séculos, a longevidade sempre foi considerada como um fenômeno extraordinário na experiência da humanidade. Surge, pois, a criação de muitos mitos, nas diferentes culturas, com a tendência a afirmar que o homem, no passado, tinha vida mais longa que agora. Inclusive, a fonte da eterna juventude sempre foi uma busca para assegurar a eternidade. Nada, porém, conseguiu afastar-nos do inevitável envelhecimento e da implacável morte.

Realmente, à questão da longevidade está vinculado um enigma. A ciência não consegue prever quem terá uma idade avançada. Contudo, é cada vez mais freqüente a mídia ocupar-se de pessoas completando 100 anos. Esse imenso diferencial do nosso tempo pode até soar como um "milagre" se considerarmos que, na Idade Média, ter 40 anos era uma raridade.

Estamos diante de uma nova ecologia humana. Além de vivermos mais que no passado, as nossas cidades, as nossas leis, a economia e a tecnologia contemporâneas não parecem estar preparadas para absorver o evento, mesmo considerando que fatores de ordem econômica e tecnológica contribuíram definitivamente para o avanço da expectativa de vida.

Para Barreto (1999, p. 56).

Mesmo filosoficamente, a pós-modernidade parece despreparada para o envelhecimento: somos colocados diante do "fim" de tudo, da ciência, da história, da própria filosofia, sem que esse inestimável recomeço significado pela idade a avançar converta-se em uma noção prazerosa de civilização.

A Assembléia de Madri, cujo tema era "uma sociedade para todas as idades", preconizou uma profunda mudança de mentalidade, segundo a qual os idosos

velhos, dada a diferença de idade que entre eles existe: geralmente mais de vinte anos.

Os termos que designam as pessoas afastadas do processo produtivo formal sempre estiveram carregados de preconceitos, relacionando aposentadoria com incapacidade para produzir. Os termos: *aposentado* – instalado em aposento; *inativo* - que não tem atividade; *na reserva ou reformado* para designar o militar - qualquer coisa que se separa; (HOUAISS, 2001) bem demonstram essa visão errônea, porque a vida não se interrompe e a ela não se pode renunciar quando entramos numa nova etapa.

Do ponto de vista da cidadania, os aposentados quase sempre são discriminados. Dificilmente serão convidados a opinar em decisões, mesmo até, muitas vezes, no âmbito familiar. Até o seu voto, pela Constituição, é considerado facultativo, como veremos mais adiante. Uma vez que já cumpriram seu dever, estão também dispensados de exercer seus direitos. São quase ex-cidadãos.

Podemos distinguir vários aspectos que reforçam esse clichê:

1º) As posturas negativas com o envelhecer, ocasionaram às sociedades a criação de vários estereótipos da velhice. Nos contos de fada, o termo velho é quase sempre sinônimo de perversidade ou crueldade. Groth (2002, p. 256) explica:

Os livros infantis, por exemplo, apresentam as avós tricotando, cabelos presos num coque, óculos na ponta do nariz; o avô aparece de bengala e chapéu. Os avós, na literatura infantil, não exercem uma atividade no mundo do trabalho. Podemos inferir que eles interagem com as crianças porque já não têm uma função específica no mundo dos adultos.

2º) A própria pesquisa científica encarregou-se de propagar que a velhice é um período em que o indivíduo se encontra desgastado física e mentalmente, porque os estudos eram feitos quase exclusivamente com pessoas residindo em instituições,

como asilos, abrigos e hospitais. Nessa linha de pensamento, velhice traduz-se pela rigidez das estruturas mentais e improdutividade. Portanto, devem ser sempre afastadas, para que seus lugares possam ser assumidos pelos jovens.

Para Chopra (1999, p.172):

Na nossa sociedade, a palavra *velho* implica desordem e fragilidade crescentes, mas, na verdade, a desordem, sendo resultado do desequilíbrio, pode ocorrer em qualquer idade: uma pessoa de 70 anos que faz habitualmente a sua corridinha provavelmente tem um sistema imunológico superior ao de uma pessoa de 45 anos que é sedentária.

3º) Principalmente as mulheres foram vítimas de estigmas solidificados ao longo do tempo. Na maioria das vezes, a mulher da 3ª idade era vista como uma pessoa assexuada, cuja tarefa consistia somente em cuidar do marido doente e cansado, tricotar, zelar pelos netos e assar bolos gostosos para a família. Construiu-se, assim, uma imagem da mulher de 3ª idade como dócil e dependente. O senso comum torna visível que há uma vovó carinhosa quando pertence à família, e uma velha chata quando fora das relações familiares.

Também, se consolidou que à mulher cabe o papel de cuidadora e ao homem o de ser cuidado. De acordo com Mattos et al (1998, p.104), em conclusão de uma pesquisa feita na PUCRS sobre gênero e as percepções das pessoas na 3ª idade:

Primeiro a mulher cuida dos/as filhos/as; depois, quando essa tarefa está terminada, tem os pais e as mães que estão velhos/as e, necessitam de cuidados, e na Terceira Idade, se for casada ou tiver um companheiro, precisa preocupar-se em cuidar dele. Se a mulher é solteira, ela cuida dos/as sobrinhos/as ou outros parentes, e assim passa a vida cuidando de um ou de outro, como se fosse natural a mulher ter essa obrigação.

4º) Quando se objetiva presentear uma pessoa idosa em datas tradicionais como Natal, aniversário, Dia dos Pais, Dia das Mães, entre outras, os presentes

tendem a ratificar os estereótipos. Por isso, são escolhidos pijamas, meias, chinelo, etc., ou seja tudo para que o velho fique “no seu lugar, quietinho.”

Gaiarsa (1986, p.17) assim analisa a questão dos estereótipos: “Velho que quiser amar é ridículo, é gagá, é degenerado, libidinoso ou indecente. Se for velha, dez vezes pior”.

As pessoas em idade avançada são, pois, muito atingidas com imagens negativas que são exteriorizadas, mexendo com o *self*. Para Neri (1995, p. 126), “[...] mudanças em papéis em consequência de aposentadoria, problemas de saúde, atitudes negativas e estereótipos podem ameaçar a auto-imagem na velhice. Se a tarefa da juventude é o desenvolvimento do auto-conceito, certamente a tarefa da maturidade é sua manutenção”.

5º) Ao longo dos tempos, podemos verificar que o tratamento dispensado aos idosos sempre esteve associado a adversidades e, principalmente, ao despojamento social. Para J.C.da Silva (1998, p. 20):

Historicamente, foram construídos mecanismos ideológicos internalizados por grande parte da sociedade que apontam para a Terceira Idade como um momento improdutivo, de maneira geral, caro e sem perspectivas tanto pessoais como sociais. A exclusão começa com a nossa própria concepção, construída coletivamente sobre a velhice.

A luta histórica para instaurar uma política social capaz de prover recursos financeiros através da aposentadoria ou serve para ratificar a afirmação de Silva ou impõe o dilema da luta pelo direito à improdutividade, isto é, o direito de se sustentar sem trabalhar.

6º) Rosa, em sua obra *Psicologia da Idade Adulta* (1987, p. 124-125), destaca uma teoria de Butler que afirma associarem-se os estereótipos sociais a respeito da velhice a determinados mitos:

a) mito do próprio envelhecer, que define a velhice exclusivamente em função dos anos que a pessoa viveu;

b) mito da improdutividade, que considera todas as pessoas em idade avançada incapazes de vida criativa;

c) mito do desengajamento, segundo o qual toda pessoa idosa prefere recolher-se em si mesma, escolhendo a vida solitária ou, quando muito, conviver com pessoas de sua própria idade;

d) mito da inflexibilidade, que afirma ser a pessoa idosa, necessariamente, rígida em suas estruturas mentais;

e) mito da senilidade, que condena todas as pessoas em idade avançada a terem memória frágil, confusão mental e incapacidade de concentração; e

f) mito da serenidade, embora positivo também não traduz a realidade. Nem todos os velhos têm paz de espírito e serenidade.

7º) A nossa própria linguagem, nosso discurso cotidiano associa a palavra velho a características pejorativas, como "gasto pelo uso", "estragado", "obsoleto" etc, conseqüentemente, nossa tendência é concluir que os homens e mulheres os quais atingiram idade avançada, têm conhecimentos tão antigos que não conseguem sustentar novas discussões, que seus corpos, na concepção de máquina, estão gastos pelo uso. Enfim, trata-se de seres ultrapassados. A própria mídia encarrega-se de divulgar informações a respeito do que é ser velho com modelos estereotipados: "dementes", "surdos", "rabugentos", "morosos", "imbecis", entre outros.

É freqüente, também, o discurso que alia a perda como um sentimento inerente à velhice: perda do trabalho, do *status* social, da capacidade física, de entes queridos, entre outras. Bem sabemos, no entanto, que até a criança com o mínimo

de discernimento já sofre as conseqüências das primeiras perdas: perda da placenta, perda do seio materno...

Não é de se estranhar, portanto, que muitos velhos têm convicção de que a doença é algo "normal" nessa fase da vida, bem como perdas econômicas e laços afetivos, gerando um sentimento de conformismo ou acomodação.

8º) Importante salientar, também, que, muitas vezes, na tentativa de uma relação mais carinhosa, há atitudes que acabam tentando infantilizar os idosos e idosas como, por exemplo, o uso de diminutivos no seu trato, transformando-se esse gesto, numa forma velada de discriminação.

Nas palavras Gaiarsa (1986, p.18) instaura-se uma ambigüidade na orientação sobre a representação do real, ou, no mínimo, uma incerteza quanto à avaliação dos pesos: "Não sei o que pesa mais sobre os velhos, se a idade ou a idéia que fazem de si mesmos, movidos pelo modo como são tratados, levados pelas idéias tantas vezes vingativas que orientam o comportamento da maioria frente a eles".

Daí Monteiro (2001, p. 95) comentar com propriedade: "Frequentemente, alguns velhos aceitam os estereótipos corporais do que é ser *velho* na tentativa de serem aceitos dentro de uma categoria, pois é melhor aceitar um corpo que justifique sua inclusão do que ser excluído recebendo outros rótulos como *ridículos, inadequados, inconvenientes* e assim por diante".

Muitas são as barreiras que o ambiente impõe às pessoas em idade avançada, impedindo que elas vivam sua própria autenticidade. A segregação é, sem dúvida, um elemento que se sobressai, mais do que a pauperização e a miséria. Conforme as palavras de Loureiro (1999, p. 85): "O descompasso entre corpo e espírito, motivado pela atitude da sociedade, impede estereotipicamente o velho de mostrar-se como é. O ridículo, considerado pela cultura, carimba a imaginação do idoso que se retrai".

Grande número das pessoas idosas mantem a inteligência aguçada, sendo capazes de discernir atitudes estereotipadas. É inegável, no entanto, que tais comportamentos acabem abafando a naturalidade e a própria criatividade que os acompanha enquanto houver vida.

Tendo a ciência como principal aliada, a população vetusta vem resistindo aos estereótipos e tentando localizar-se numa sociedade de obsolescência programada. Mesmo sendo considerada e até tratada como descartável essa camada populacional está despertando os olhares dos mais diversos setores, que, nas últimas décadas, vêm demonstrando interesse em mantê-los ativos, adotando, embora tímidas, políticas de inclusão social.

2.3 Representações e causas do envelhecer

Em Houaiss (2001), encontramos, entre outros sentidos, que representar significa "ser imagem ou a reprodução de; trazer à memória; significar; tornar presente [...]". Neste sentido, a representação é o símbolo mental de algo: objeto, pessoa, acontecimento, idéia, etc. É, portanto, uma representação mental de fatos, idéias, objetos e não simbolizam somente o que está ausente. Todo homem é um ser social e a ele estão atreladas representações que elabora e incorpora ao longo de sua vida, provenientes das relações com os outros sujeitos sociais, incluindo valores, conceitos, pré-conceitos, etc. Em um processo dialético, sujeito e objeto se inter-relacionam, alterando-se constantemente. A representação social da coletividade traduz objetivos e posturas funcionais dos componentes do grupo, que, por sua vez, influenciam diretamente sobre os comportamentos sociais e a

estruturação do próprio grupo. Pensar as representações sociais do sujeito inclui perceber a relação do sujeito frente ao objeto. Baseando-se em observações destes fenômenos, percebemos implicitamente uma relação, um conceito, uma configuração pessoal ou coletiva na mesma. Portanto, podemos afirmar que a representação social é constituída por fenômenos cognitivos em nível individual, coletivo, psicológico e social, que podem ser observados e estudados, pois são constituídos de atitudes, valores, imagens, opiniões, etc.

Analisar as representações sociais que existem sobre os velhos, feitas pelos outros e por eles próprios é fator decisivo para as conclusões do estudo que empreendemos.

Muitos relatos comprovam que a preocupação com o envelhecimento e com a morte estão presentes na trajetória da humanidade desde os tempos mais remotos. Ser eternamente jovem consiste numa aspiração comum à espécie humana em qualquer tempo e em qualquer espaço. Provavelmente, é por esse motivo que seja tão difícil aceitar os efeitos do passar dos anos. Portanto, negar a velhice é, da mesma forma, uma constante na caminhada da humanidade.

Beauvoir (1990, p. 12). é bastante realista ao descrever como são difíceis as transformações pelas quais o indivíduo passa ao envelhecer: "A velhice aparece como uma desgraça: mesmo nas pessoas que consideramos conservadas, a decadência que ela traz salta aos olhos, pois a espécie humana é aquela em que as mudanças causadas pelos anos são as mais espetaculares".

Freud (apud NOVAES, 1997, p. 132) tece algumas considerações sobre o quanto é freqüente a rejeição ao próprio envelhecimento: "ninguém crê na própria morte, pois, inconscientemente, todos estão convencidos de sua própria imortalidade".

Em uma pesquisa realizada com homens e mulheres idosas a respeito da velhice, Debert (1988, p. 68) assim conclui: "Todos os entrevistados buscam marcar uma diferença entre sua experiência e a do velho em geral: neste sentido, todos resistem à velhice que a ela procuram se adaptar. Velho é sempre o outro".

Parece que todos querem viver bastante, mas ninguém quer ser velho. Mesmo porque as características internas, principalmente as psicológicas e emocionais, não estão de acordo com o aspecto externo. As pessoas, apesar de sua longevidade, não raras vezes, realmente não se sentem velhas. Não se julgam com mentalidade de velhos.

Messy (1993, p.19) relata o depoimento de uma pessoa idosa: "Não sou velha porque não me vejo velha. Isso me vem de fora. Não sou velha, pois não me sinto velha. Isso me vem de dentro".

Há uma grande dificuldade dos longevos em se reconhecerem no espelho. Eles teimam em guardar uma imagem de si mesmos quando ainda eram jovens. Não conseguem aceitar-se como velhos, sentirem-se como velhos.

Retomando Monteiro (2001, p. 92):

A velhice não se apresenta para o sujeito, mas fica clara para os outros. O indivíduo que envelhece não percebe as mudanças corporais da mesma maneira que os outros a percebem. Reconhecer as transformações nos outros é sempre mais simples do que em nós mesmos, porque as mudanças ocorrem lentamente e o nosso organismo, com sua capacidade plástica, propicia a assimilação das mudanças de maneira gradual. Portanto, o velho sente-se *velho* pelo olhar dos outros.

Da mesma forma Moreira (1994, p. 127) sustenta que "A velhice é um julgamento social." Realmente, parece que esse processo compara-se a um julgamento. Quando a pessoa atinge uma idade mais avançada, parece que é exatamente quando ela realmente aprende a viver, porque aprendeu a superar suas

frustrações, “driblar” os problemas econômicos e a controlar suas emoções. É a fase que aprende a ser mais solidária, ter menos ambições e mais qualidade em suas relações pessoais. Enfim considera-se pronta para as adversidades. Por outro lado, não raras vezes, num encontro de família ou com antigos amigos, principalmente quando se torna avô /avó, alguém chega e sentencia: “Estamos velhos!” Ora, velho é o que está em desuso, sem utilidade... e a pessoa recém se afirma como realmente capaz. Sem dúvida, é um paradoxo difícil de administrar.

Então, o que é ser uma pessoa velha? Existe algum marco que define seu ingresso na velhice?

Em Haddad (1986, p. 26) podemos ler:

Fica evidente a ausência de unanimidade sobre o que é ser velho: as posições a esse respeito são muitas, variando desde o ponto de vista segundo o qual o envelhecimento inicia-se imediatamente após a fecundação até aquele que aponta o marco empírico da senectude em torno dos 65 anos.

Tal qual Bobbio (1997, p. 45) afirma “A velhice é a última fase da vida, representada, na maioria das vezes, como aquela da decadência, da degeneração, da parábola descendente de um indivíduo, mas também, metaforicamente, de uma civilização, de um povo, de uma raça, de uma cidade”.

Em consonância com o pensamento de Beauvoir (1970, p. 19), “A velhice é um fenômeno biológico com reflexos profundos na psique do homem, perceptíveis pelas atitudes típicas da idade, não mais jovem nem adulta, da idade avançada”.

Para Wagorn (apud SANTOS, 1999, p. 26), “envelhecimento é o processo de acumular experiências e enriquecer nossa vida por meio de conhecimentos e habilidades físicas. Essa sabedoria adquirida proporciona-nos o potencial para tomar decisões razoáveis e benéficas a respeito de nós mesmos”.

Bem ao estilo “abaixo os preconceitos”, Martha Medeiros frisa que a velhice é a idade do “dane-se”, afirmando que é a fase da vida em que não se precisa provar mais nada para ninguém. (MEDEIROS, 23 out. 2002)

Lya Luft, famosa escritora gaúcha, ao falar sobre o passar da vida, pronuncia-se do seguinte modo: “[...] a vida não tem que ser sorvida como uma taça que se esvazia, mas que se renova a cada gole bebido.” (LUFT, 03 maio 2003)

A Organização Mundial da Saúde (OMS) caracteriza a velhice como o prolongamento e o término de um processo representado por um conjunto de modificações fisiomórficas e psicológicas ininterruptas à ação do tempo sobre as pessoas. (SANTOS, 1999, p.26).

De acordo com este mesmo órgão, 65 anos é o marco inicial da velhice: 65 a 73 anos, a velhice jovem, e dos 74 anos em diante, a velhice propriamente dita. Para os países subdesenvolvidos, a Assembléia Mundial das Nações Unidas estabeleceu a idade de 60 anos como início da fase idosa.

No entanto, do ponto de vista biopsicossocial, não há um consenso determinando quando se atinge a velhice. Segundo Novaes (1997, p. 90), “Por isso, o idoso pode ser tanto representado como um sujeito social ainda potencializado, motivado para aprender e produtivo, assim como desinteressado, passivo, incapaz e sem vitalidade. Entre um pólo e outro há variações”.

Via de regra, a velhice é caracterizada como um período de declínio. Não vale, no entanto, confundir envelhecimento com doença e senescência com senilidade. De acordo com Rosa (1980, p. 87):

A senescência é o período em que o declínio físico e mental é lento e gradual, havendo para ela certas compensações. Em alguns indivíduos, a senescência ocorre na casa dos cinquenta. Em outros, ela pode ocorrer depois dos sessenta. A senilidade, por outro lado, refere-se à fase do envelhecimento em que o declínio físico é mais

acentuado e é acompanhado da desorganização mental. Como no caso da senescência, aqui também observamos as diferenças individuais. Algumas pessoas tornam-se senis ainda relativamente jovens. Não é raro encontrar indivíduos senis antes dos sessenta anos de idade. Outros, porém, nunca ficam senis porque são capazes de se dedicar a atividades criativas que lhes conservam a lucidez até a morte.

Apesar do avanço da medicina ao prolongar a vida, esta não conseguiu eternizar a juventude. A velhice, portanto, é inevitável. Muitos são os fatores que a determinam. Ela não pode ser atribuída a uma só causa. Esse processo resulta de um conjunto de fatores biológicos, psicológicos e sociológicos.

Pikunas (1979, p. 399) assim explica: "O envelhecimento ocorre apesar do desejo em contrário e sem consentimento, além de ser irreversível. A direção do desenvolvimento total não pode ser mudado de forma significativa."

Do ponto de vista biológico, o envelhecimento, não raras vezes, desafia meras definições. Na grande maioria dos outros animais e plantas, existem alguns sinais que denunciam a idade com relativa precisão, contudo, sem determinar o ritmo desse envelhecimento. Obviamente, os dois fatores estão relacionados, mas a passagem do tempo não mede o ritmo do envelhecimento.

Hayflick (1997, p. 4) aponta muitos caracteres, porém, demonstram o envelhecimento biológico. Na espécie humana, existe uma forma padronizada que inclui modificações na estrutura e no funcionamento do corpo e nas formas de adequação da pessoa. Quando há a senescência, há igualmente uma perda da estabilidade e coordenação das funções orgânicas. Os ossos tornam-se menos densos, com uma redução gradual na rapidez muscular, e o poder das contrações diminui. A pele torna-se mais pálida e manchada, perde a elasticidade e aparecem as rugas.

Ao retomar Pikunas (1979, p. 411), podemos afirmar:

Fundamentalmente, o envelhecimento biológico é marcado por uma taxa metabólica mais baixa, que torna mais lento o intercâmbio de energia dentro do organismo; por isso, seus recursos para auto-expressão comportamental vão sendo gradualmente reduzidos. A energia, quando usada em excesso, não é totalmente recuperada; as estruturas e poderes são prejudicados por excesso físico ou atividade prolongada. A desaceleração funcional é conseqüência do aumento de idade celular decorrente de menor capacidade de divisão celular.

➤ Quanto aos sentidos, na pessoa idosa, há alterações degenerativas, ocorrendo a diminuição da sensibilidade ao açúcar e sal e na agudez de numerosas terminações nervosas na língua. Acontece um declínio na visão, causado pela deteriorização da córnea, da lente, da retina e do nervo óptico. Quanto ao olfato, também é sensivelmente diminuído e até a voz tende a mudar por conta do endurecimento e conseqüente redução da elasticidade das cartilagens da laringe. Torna-se mais fina e com menos amplitude.

O avançar da idade ocasiona fenômenos bioquímicos: aumento do sódio, do cloro e do cálcio. Constata-se, também, a diminuição do potássio, do magnésio, do fósforo e das sínteses protéicas.

No processo de envelhecer, os ossos sofrem mudanças químicas, tornando-se mais vulneráveis a quebrar e menos densos. Tornam-se mais difíceis os movimentos das juntas, ocasionando inúmeras doenças. Há, realmente, um comprometimento de todo o esqueleto. Até o formato do rosto costuma modificar-se.

Rosa (1987, p. 92-93). detalha tais modificações: o sistema digestivo sofre consideráveis mudanças na medida em que há redução do fluxo salivar, suco gástrico e da ação enzimática, dificultando o processo digestivo. Explica o autor que, aparentemente, as partes do corpo que mais sofrem com o processo de envelhecimento são os vasos sanguíneos e o próprio coração, que, com o passar dos anos, apresenta os músculos cardíacos fibrosos e ressecados. O coração tende

a diminuir de tamanho ao passo que as gorduras aumentam, acarretando a perda da elasticidade das válvulas cardíacas e a redução da eficiência dos depósitos de cálcio e de colesterol.

Seguindo as explicações do autor, durante o processo de envelhecimento, há mudanças estruturais no sistema nervoso em geral e no cérebro, em particular. Os envoltórios do cérebro tornam-se menos salientes, e isso talvez resulte da redução gradual da circulação sanguínea no cérebro. Da mesma forma, é significativa a redução da eficiência respiratória causada pelo processo de envelhecimento, originada pela redução na utilização do oxigênio, resultante da diminuição do tamanho do pulmão.

Destaca-se, também, como importante, a questão da constituição genética. A hereditariedade é um forte componente na determinação da idade biológica. Todas as pessoas, cujos pais tiveram longa vida, tendem a viver mais. Ao contrário, aqueles que tiveram seus pais mortos com pouca idade, comumente, têm sua vida abreviada.

A respeito da temática, Rosa (1987, p. 89) assim analisa: “[...] as condições físicas do envelhecimento de uma pessoa dependem da interação de vários fatores, incluindo sua condição psicológica, seu estilo de vida, sua condição genética e os elementos do meio em que vive.”

Na atividade intelectual, observa-se, além disso, que vários aspectos são afetados. Pikunas (1987, p. 415) tece a seguinte observação:

Apesar da acumulação de experiência, a pessoa idosa apresenta baixos escores nos testes de inteligência, o que não acontecia anteriormente; isso indica um declínio de melhores função e desempenho. Para preservar a constância de QI, geralmente o cálculo é estatisticamente ajustado para a taxa normal de declínio das capacidades mentais nos anos finais da vida.

A memória, no entanto, parece ser um dos setores mais afetados. Com frequência, as pessoas com idade mais avançada costumam queixar-se de falta de memória. Tais lapsos são considerados comuns no envelhecimento normal e não podem confundir-se com a perda da memória, que sempre implica disfunção. Esses “esquecimentos benignos”, perdas apenas pelo envelhecimento, em geral, são atribuídos a duas causas principais. Rosa (1987, p. 990) explica:

A primeira é a deteriorização orgânica causada pelo endurecimento das artérias e a conseqüente falta de adequada circulação sanguínea no cérebro. Esse problema circulatório afeta significativamente o funcionamento dos processos cognitivos do ser humano. A segunda causa é a perda de interesse nos eventos atuais por parte da pessoa idosa. Via de regra, a pessoa idosa conserva memória apenas dos aspectos da vida em que ela foi bem sucedida.

Relacionadas com a velhice, porém em caráter patológico, existem dois tipos de doenças mentais mais fáceis de serem diagnosticadas, que comprometem a memória: a depressão e a doença de Alzheimer. Não há como saber, no entanto, se há uma relação direta entre esta enfermidade e a velhice. Por isso, grande parte dos homens e das mulheres, na longevidade, fazem uso de uma das mais importantes tarefas emocionais da idade avançada, que é a reminiscência.

Bobbio (1997, p. 30) afirma que o velho vive “de lembranças em função de lembranças”. De fato, nessa fase da vida, os indivíduos são conduzidos para um balanço final de suas vidas e, para tanto, felizmente, grande número deles conta com sua memória.

Pesquisas mais recentes reavaliam os conceitos até então definitivos sobre inteligência e memória nos idosos. Moser e Amorim (2000, p. 172) assinalam que:

[...] na atualidade, há consenso em reconhecer a natureza multivariada da memória e a ausência de hipóteses simples que expliquem adequadamente as diferenças cognitivas observadas

entre pessoas jovens e idosas. Para dar conta das mudanças decorrentes dos processos evolutivos é, necessário considerar as interações entre o papel desempenhado pela pessoa, pelo ambiente e pelas demandas da tarefa planejada.

Os mesmos autores aludem a uma hipótese de comportamento elaborada por Salthouse, a qual sustenta que a perda da velocidade explica a perda cognitiva, pois os processos de memória dos anciãos são semelhantes aos dos jovens, porém funcionam mais lentamente.

Há os que defendem terem desaparecido as velhas crenças de que a velhice estava automaticamente acompanhada de deteriorização mental. Especialistas afirmam que a capacidade de memória não exerce relação direta com a idade. Se uma pessoa não for acometida de doença degenerativa, com 60 anos, possui a mesma qualidade de memorização de um jovem de 15 anos. "O raciocínio pode ser um pouco mais lento, mas a capacidade de memória pode até ser maior," declara o professor Ivan Izquierdo, do Centro da Memória do Departamento de Bioquímica da UFRGS e um dos principais especialistas no assunto no Brasil. (IZQUIERDO, 22 set. 2001)

As mudanças biológicas e intelectuais que ocorrem na velhice, refletem-se consideravelmente no psiquismo da pessoa, causando alterações na sua auto-imagem a qual, conseqüentemente, é a principal responsável pelo grau de ajustamento na nova fase final do seu processo evolutivo.

A deteriorização gradativa dos processos sensoriais, em razão do envelhecimento, diminui o contato da pessoa idosa com o meio exterior. A perda do companheiro(a), de amigos e familiares da mesma faixa etária reduz seu mundo social. A aposentadoria, muitas vezes precoce, alija-a do mundo do trabalho. Há, também, a constatação de que os jovens estão assumindo posições outrora ocupadas pelos idosos, substituindo-os com eficiência e até brilhantismo. Esses

fatores, entre outros, ocasiona uma profunda sensação de solidão e inutilidade, bem como de dependência das gerações mais jovens, causando-lhes dificuldade para manter a mesma identidade. Nesse momento, as estruturas de sua personalidade tendem igualmente a se modificar.

Pikunas (1979, p. 417) explica: "O habitual decréscimo no vigor motivacional está ligado a uma faixa de interesses e atividades que se estreitam. Há menos gratificações do desempenho mais fraco na maioria dos campos do labor".

Importante torna-se, portanto, preservar a identidade psicológica dos idosos para que possam acontecer os ajustamentos no processo do envelhecer e, finalmente, a preparação para enfrentar a morte sem grandes desgastes emocionais e preocupações. Para Rosa (1987, p. 103):

A preservação da identidade psicológica do indivíduo é de fundamental importância pois é ela que ajuda o homem a adaptar-se às demandas do mundo externo e a enfrentar com serenidade a perda progressiva da capacidade física e todas as outras limitações impostas pelo processo de envelhecimento.

Fundamentalmente, é necessário cada um manter seus próprios interesses em evidência. Poelman (1995, p. 15), ao relatar as características do homem de 66 a 75 anos, assim o retrata:

Percebe que muito do que é importante para ele não o é para os outros, e que estes devem encontrar seu próprio caminho. Pode começar a ter idéias que comumente não são apreciadas pelos outros, mas que para ele são muito importantes. Assim, pode tornar-se mais calado. O que vivencia em sua pessoa nem sempre encontra eco nos outros. Do tesouro da vida e da fé tirou aquilo que para ele foi importante; vive com a idéia que cada um deve encontrar seu próprio caminho. Aprendeu que a luz está nele na medida em que deixou entrar, e que ele é o culpado se a luz não está onde ele está.

Convém frisar o relevante papel no caminho do envelhecer, isto é, o fator meio ambiente, incluindo as condições físicas, as pessoas da convivência e,

principalmente, as atitudes que rodeiam o indivíduo. Viver, por isso, num ambiente de atividade renovadora beneficia o ser humano. Ao contrário, a insegurança, a solidão e a hostilidade de um ambiente, acrescidas das enfermidades, acidentes e tantas outras condições desfavoráveis, podem acelerar o processo.

De significativa importância nesse processo tem sido a mudança da representação social que se fazia do idoso, tendo a mídia como principal aliada. Televisão, revistas, jornais e rádios têm desencadeado uma verdadeira campanha em favor da população idosa, chamando a atenção para suas dificuldades e problemas sociais, econômicos e psicológicos, bem como encarregam-se de divulgar uma imagem de pessoas idosas lúcidas e bem-sucedidas. Torna-se urgente, portanto, mudar o enfoque que se consolidou a respeito dos longevos. Precisamos conhecer mais as crenças, explicações e concepções deste contingente populacional que cresce vertiginosamente. Essa é a maneira ideal para que possam mudar também nossas estratégias no trato com eles.

2.4 Envelhecer: um processo heterogêneo

Por muito tempo, acreditou-se que a velhice era um processo homogêneo, ao qual nós, de modo irremediável, todos iríamos chegar se a vida assim o permitisse, alquebrados, doentes e perturbados mentalmente. Essa hipótese foi a que fundamentou o discurso gerontológico, numa perspectiva de que os problemas enfrentados pelos idosos eram tão prementes e semelhantes que minimizavam as diferenças em termos de etnicidade, classe e gênero.

A partir da década de 70, há um repensar desses pressupostos, considerando que as diferenças de classe social, etnicidade e gênero, acrescentam à experiência

de envelhecimento, em uma sociedade, conteúdos distintos que devem ser investigados.

Inicialmente, há de se considerar que até a classificação de idoso mudou. Se a idade cronológica deixa suas marcas, a sociedade também exerce sua força. Ao longo do tempo, cada sociedade, cada meio teve sua própria definição social do envelhecimento. Para Moreira (1994, p. 127-128) "(.) uma dada sociedade, cada meio social, tem sua própria definição social de envelhecimento".

Na fase pré-industrial, nas sociedades em geral, muitos pais nem sobreviviam para criar seus filhos. O convívio entre as gerações era fato incomum. Ao contrário, hoje, numa mesma família, chegam a conviver três ou até quatro gerações.

Ao comentar essa relatividade, Bobbio (1997, p. 18) expressou-se:

Aqueles que escreveram obras sobre a velhice, a começar por Cícero, tinham por volta de sessenta anos. Hoje, um sexagenário está velho apenas no sentido burocrático, porque chegou à idade em que geralmente tem direito a uma pensão. O octogenário, salvo exceções, era considerado um velho decrépito, de quem não valia a pena se ocupar. Hoje, ao contrário, a velhice, não burocrática mas fisiológica, começa quando nos aproximamos dos oitenta, que é, afinal, a idade média de vida, também em nosso país, um pouco menos para os homens, um pouco mais para as mulheres. O deslocamento foi tamanho que o curso de vida humana, tradicionalmente dividido em 3 idades, inclusive em trabalhos sobre o tema do envelhecimento e em documentos oficiais foi prolongado para aquela que se convencionou chamar de *quarta idade*.

Andréa Prates, médica geriatra, destaca que "Os idosos formam um grupo bastante heterogêneo e torna-se difícil estabelecer padrões para o envelhecimento, como normalmente se faz ao monitorar o desenvolvimento das crianças. A idade cronológica não é o melhor parâmetro para definir a velhice." (LEITE, 26 set. 1999)

A velhice é uma etapa da vida bastante relativa. Um professor, um artista, um escritor, por exemplo, podem produzir perfeitamente aos 80 anos com plenas

capacidades de trabalho, como se fosse um jovem, ao passo que uma ginasta olímpica torna-se velha aos 25 anos, e, aos 35 anos, um jogador de futebol pode ser considerado profissionalmente ultrapassado. Por outro lado, a velhice nunca é um fato total. Para Debert (1988, p. 62):

Ninguém se sente velho em todas as situações ou se define como tal em todos os contextos. Não raro, pessoas consideradas velhas decidem casar-se e constituir uma nova unidade doméstica, projetam uma longa viagem ou abrem um negócio. Ou seja: por um lado, põem-se como velhos e assim são considerados; por outro, alimentam projetos aparentemente incongruentes com essa condição.

Assim como cada indivíduo possui suas especificidades tais quais temperamento, vocação, preferências artísticas, entre outras, o ser é único, também, em seu dinamismo biológico. Conseqüentemente, cada um possui, igualmente, um ritmo próprio de envelhecimento, seja físico, intelectual ou social.

Muito embora cada organismo vivo apresente regularidades e padrões de comportamento nitidamente definidos, as relações entre suas partes não são estabelecidas com rigor. O envelhecimento, comparando-se um indivíduo a outro, sempre será diferente. Há mudanças orgânicas em todos os seres, contudo, elas ocorrem sempre de uma forma desigual. Uma pessoa, ao nascer, já traz consigo uma série de diferenças e continua com essas e outras dessemelhanças adquiridas em todo o seu curso de vida. Constitui-se, portanto, num desafio, medir de forma simples o envelhecimento.

Segundo opinião de Monteiro (2001, p. 58), “[...] entender o envelhecimento biológico pelo viés da generalidade, não respeitando as particularidades, é reforçar o estigma simplista da perda, do declínio, da degradação que caminha em direção à morte.”

A história de cada um é fundamental para se determinar a capacidade de ainda crescer e poder mudar na velhice. Acredita-se ser possível a própria idade poder dar origem a novas forças e novas aptidões quando se chega ao ápice, isto é, adquire-se maior sabedoria sobre a vida com maior autonomia, sem desmerecer interferências nos julgamentos e decisões.

O fato é que não existe fórmula nem um modo certo de se atingir a velhice. O “bom envelhecimento” é visto como aquele em que as pessoas são capazes de reorganizarem suas vidas, de batalhar contra o encolhimento do seu mundo e, conseqüentemente, de se manterem ativos ao substituírem antigos por novos projetos e também novos relacionamentos à medida que o tempo vai ceifando seus entes queridos.

Há velhos que adotam trocar uma gama de interesses e participações por atividades mais concentradas, como jardinagem, arte, por exemplo; outros, que se realizam numa vida mais contemplativa e de pouco exercício; ainda, há outros, que optam por lutar por seus valores, mantendo uma alta moral. Para Novaes (1979, p. 32), “A velhice pode ser vivida de modo ativo, sereno ou trepidante, rebelde, inconformado, adotando-se diversas marcas sociais”. Enfim, na terceira idade, repetem-se as diferenças psicológicas e sociais que existiram em períodos anteriores.

Os fatores genéticos contribuem decisivamente no processo do envelhecimento. Existem famílias que são caracterizadas pela extrema longevidade de seus membros. Contudo, também não é igual, a maneira de envelhecer quando se tratar de homem ou mulher, ser sozinho ou viver no meio da família, estar casado ou solteiro, viúvo, divorciado, ter ou não filhos, morar na zona rural ou urbana, ser ativo ou inativo. Não há, identicamente, um sinal determinante do envelhecimento, e existe, freqüentemente, uma revisão de opinião acerca do que é ser velho, à medida

que as pessoas vêm avançando os anos. Com certeza, incidem, ainda, a forma de alimentação, a higiene física e mental e, sobretudo, a maneira de encarar a vida.

Sabe-se, no entanto, que duas importantes características marcam a velhice: a individualidade e a diversidade. A própria comunidade científica assume concepções diversas ao analisar o fenômeno. Ele é visto de forma diferente pela biologia, psicologia, sociologia e antropologia, quando são confrontados alguns aspectos e outros complementados. Em comum, essas ciências afirmam que não há uma fórmula pré-estabelecida para envelhecer. Cada pessoa tem um ritmo extremamente particular, seguramente com características similares a tantas outras, porém, com conseqüências e seqüelas particulares.

A velhice não é um acidente. É apenas uma condição para aqueles que têm o privilégio de completar todos os ciclos da vida. Para I.R. da Silva (1998, p. 17):

O envelhecimento é uma experiência heterogênea, dependente de como a pessoa organiza seu curso de vida, a partir de circunstâncias histórico-culturais, da incidência de diferentes patologias durante o envelhecimento normal e da interação entre fatores genéticos e ambientais." Verifica-se, portanto, uma múltipla causalidade, ou seja, sempre há uma conjugação complexa de fatores biológicos, psíquicos e sociais.

Pikunas (1979, p. 400-401) afirma que a investigação nesse campo tem demonstrado que a classe social a que pertence o idoso é fundamental ao seu ajustamento. A maioria das pessoas da classe média desenvolve sistemas motivacionais bastante diferenciados e adaptáveis, favorecendo a adaptação na sociedade moderna. Todas aquelas pessoas que se enquadram numa classe com situação econômica estável possuem vantagens adicionais que derivam da experiência acumulada, da liderança cívica e dos recursos financeiros. Contudo, as limitações não poupam os idosos em qualquer classe. As dificuldades crescem

lentamente, à proporção que a idade avança, quando a integração do ego lenta e moderadamente vai declinando.

Mosquera (1980, p. 129) compartilha dessa concepção, reforçando que o processo de envelhecimento também está ligado à classe social do indivíduo e vem acompanhado de sentimentos difusos, ou mesmo confusos, a respeito de suas perspectivas de alcançar a uma idade muito prolongada.

Sem dúvida, a espécie de caminho percorrido até a chegada da idade avançada é fator determinante na configuração do envelhecimento, e a classe social a que o idoso pertence, condicionando seu meio ambiente, implica desvantagens à sua saúde, podendo provocar, com mais rapidez, sua degeneração. Ramos (2002, p. 160) explica que os grupos de baixo status sócio-econômico denotam saúde mais frágil, pois eles, vivendo sob a pobreza, estão mais expostos que os outros indivíduos para riscos físicos, químicos e bioquímicos, biológicos e psicológicos os quais afetam a saúde.

No entanto, cada classe social apresenta as suas mazelas. Por isso, torna-se difícil estabelecer com exatidão o tempo da senectude. Determinadas pessoas mostram sinais perceptíveis de envelhecimento aos 40 anos, e outras, aos 70 anos ainda conservam aparência jovem.

Grande parte dos homens e mulheres vê, na chegada da aposentadoria, classificada como velhice funcional, uma grande oportunidade de aproveitarem a liberdade para fazer o que estavam adiando por tantos anos. Enfim, querem viver novas fontes de prazer, enquanto outros, passam a ser atormentados pela incerteza e ansiedade, mergulhando na solidão e desengajamento.

Para Neri (1995, p. 38):

Envelhecer bem depende das chances do indivíduo quanto a usufruir de condições adequadas de educação, urbanização, habitação,

saúde e trabalho durante todo o seu curso de vida. Esses são elementos cruciais à determinação da saúde (a real e a percebida) e da longevidade; da atividade, da produtividade e da satisfação; da eficácia cognitiva e da competência social; da capacidade de manter papéis familiares e uma rede de relações informais; das capacidades de auto-regulação da personalidade; do nível de motivação individual para a busca de informação e para a interação social, entre outros indicadores comumente apontados pela literatura como associados a uma *velhice bem sucedida*.

A respeito do tema, constata-se que os fatores da representação social do envelhecer ocupam um fator fundamental. Neste sentido, Novaes (1997, p. 30) assim opina: "Os depoimentos de pessoas idosas comprovam que a velhice é uma experiência subjetiva e social intensa e variada, podendo ser, às vezes, uma longa derrota, como também uma permanente vitória."

Em relação ao gênero, podemos observar que para homens e mulheres, ao desenvolverem interesses diversos no decorrer de suas vidas, ao chegarem à terceira idade, torna-se difícil conjugarem os mesmos interesses. Na esfera familiar, observa-se que, geralmente em idade avançada, ocorre uma inversão de papéis. Mattos et all (1998, p. 102) explicam:

O homem que, durante toda sua vida foi o agente provedor do sustento da família, agora sente-se dependente da esposa. Mas essa dependência não é econômica, e, sim, emocional. É como se ele objetivasse trocar os anos que trabalhou para sustentar a família pelos cuidados e atenção da esposa.

Ao comentar os programas voltados para a terceira idade, como os grupos de convivência, Ruschel comenta (1998, p. 99):

[...] percebe-se que, de certa forma, na velhice, há uma inversão do público (fora do lar) e do privado (no lar) no que se refere à questão de gênero, ou seja, as mulheres apropriam-se do seu novo tempo buscando fora de casa um outro modo de interagir socialmente,

enquanto os homens, e talvez por isso, o pequeno percentual do grupo masculino nesses programas, fazem o caminho inverso: retornam para o lar, já que suas histórias de vida, ou muitas delas, foram construídas fora dali.

No tocante às diferenças de consciência que sexos diferentes estabelecem em relação à terceira idade, a autora prossegue:

Enquanto as mulheres sentem o seu corpo perdendo forças e tomando formas até ali desconhecidas (marcas no corpo), através de manifestações de doenças ou mudanças nas atividades rotineiras, os homens parecem associar essa passagem à chegada da aposentadoria, a uma impossibilidade cultural e muitas vezes legal, de continuar dentro de uma atividade profissional produtiva. (RUSCHEL, 1998, p. 93).

Freqüentemente, na 3ª idade, os homens e mulheres que viviam uma relação estável e serena, ou mesmo em pequenos conflitos devido às tensões do cotidiano, passam a conviver com uma nova situação, que pode ser geradora de conflito. Ambos conseguem libertar-se de alguns papéis sociais, principalmente o de pai e mãe, mas o homem aposentado, ficando mais em casa, atrapalha a mulher, pois esse espaço para ela também é de trabalho. Como o trabalho de casa não aposenta, e como o aposentado tem dificuldade de assumir o trabalho doméstico, isso dificulta sua relação. O ideal seria que o homem aprendesse a conviver no espaço da casa, e a mulher pudesse ceder espaço para ele.

Sem dúvida, é uma experiência distinta viver a terceira idade por homens e mulheres. Debert (1998, p. 68) explica que a velhice para a mulher:

[...] representa a sua passagem de um mundo totalmente regado para outro em que se sente impelida a criar suas próprias regras, negando o modelo de envelhecimento que serviu às suas avós ou mães. Isso já não acontece com o homem. Mesmo quando não é qualificada como de solidão, abandono ou desdém, a vivência atual é

vista como um momento em que, passivamente, deve aceitar, mesmo sem entender, uma série de mudanças que não desejou e pelas quais não é responsável.

Considerando que as mulheres evidenciam expectativas de vida superiores à dos homens e, por conta da emancipação feminina, elas não mais se submetem a relações dependentes e humilhantes. Muitas, na sociedade atual, têm assumido papel de chefes de família, implicando numa reformulação das hipóteses de planejamento governamental, como assistência médica e de previdência.

Quanto mais dissecamos as características físicas, psicológicas e sociais do envelhecimento, concluimos que não existe um exato momento que determine a velhice, nem que ela se aproprie de todos da mesma maneira. Desse modo, deduzimos que a expressão velhice é muito elástica, considerando que, não há muito tempo, isto é, no início do século passado, 40 anos já denunciava a idade idosa e, hoje, no mínimo, necessitamos mais 20 anos para tal classificação. Mesmo assim, encontramos pessoas com características bem desgastadas física e psicologicamente aos 50 anos, e outras, com estas características bem preservadas beirando os 70. Isso nos prova a relatividade do fenômeno, bem como o fato de que esse período não se confunde com doença. Cada um possui um cronograma individual no percurso do envelhecer. Naturalmente, fatores como a genética, nível social e cultural, estado civil e categoria sexual contribuem de forma decisiva para o desencadear da velhice. Marcas da velhice sobressaem-se em pessoas que recém se aposentam, como para outras esse momento significa o recomeço de uma vida nova, com novos afazeres e novos objetivos. Tal realidade multifacetada revela-se até na questão de admitir-se como pessoa idosa, pertencer ao grupo de idosos, fazer parte de um grupo de 3ª idade. Na nossa pesquisa, identificamos que as mulheres são mais receptivas à busca de uma vivência compartilhada, isto é, aos

grupos dirigidos a esse segmento social. Assim, as pessoas com menos grau de escolaridade aceitam com mais tranquilidade a condição de envelhecer.